1.º DA 4.ª SERIE. N.º 37. 16 JUNHO 1842.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

Sahe ás quintas feiras — Escriptorio, rua da Horta Secca n.º 20 — Assigna-se no Escriptorio e na Loja da Viuva de João Henriques, n.º 1, rua Augusta — Avulso 60 réis: 12 numeros 600 réis: 24, 1200 réis: 48, 2400 réis — O pagamento deve ser feito com a assignatura, exclusivamente nos locaes supra-mencionados, e por caso nenhum aos distribuidores — Os assignantes, que não receberem no dia devido, poderão queixar-se, certos de providencias — Tem todos, e só elles entrada gratuita n'um Gabinete de Leitura do Estabelecimento (segundo o respectivo regulamento), aonde se acham muitos jornaes e escriptos politicos, litterarios e scientificos, em portuguez, francez, hespanhol, inglez, e allemão — Os subscriptores das Provincias devem remetter as suas assignaturas pelo seguro ou como lhes convier — Sobrescripto da Correspondencia: « Ao Redactor da Revista Universal, rua da Horta Secca n.º 20 » — Roga-se aos Leitores das Provincias que communiquem os acontecimentos dignos de publicidade — Qualquer artigo interessante será accolhido com gratidão e publicado — A Redacção annunciará, e convindo analysará, qualquer publicação nova de que se lhe remetta um exemplar — Encarrega-se ella, sem commissão alguma, de mandar vir de fóra machinas, plantas, livros, etc., por conta de quem o desejar — Tambem no seu Escriptorio se patentearão ao publico objectos de semelhante natureza, que para ali sejam mandados, os quaes serão descriptos no jornal. — Esta Folha acceita a troca com todos os jornaes portuguezes. — A distribuição na Capital faz-se em 3 horas — Este numero sahe ás 8 da manhã e será entregue, o mais tarde, até ás 10.

CONHECIMENTOS UTEIS.

ESTRADAS.

(Continuação da pag. 414.)

493 PORTUGAL.

Os ensaios em *viação* são crueis, teem custado centos de milhões de cruzados em Inglaterra, França, e America. As estradas não podem nem devem ser monumentaes, não o-são em Inglaterra, aonde ha as melhores, não o-devem ser em Portugal. A este respeito diz um celebre ingenheiro americano *João Tanner*, que posto uma ponte de pedra seja eterna, mais vale fazel-a de páu, porque custa a terça parte, e ainda que durante a sua existencia se-gaste com ella 50 por cento em reparos, no fim dos 25 annos, os dous terços restantes do custo da de pedra postos a juros compostos, darão para 4 pontes novas das de madeira, e assim por diante.

Ponte de pedra rs. 12.000$	Ponte de páu rs.	4.000$
	Saldo	8.000$
Rs. 8.000$ a juros compostos em 25 — 30 annos		18.000$
Reparos 2.000$	construcção nova 4.000$	6.000$
Rs. 12.000$ compostos em 25 — 30 annos		26.400$

Se não fôsse a perluxidade e o escrupulo que quizeram pôr na construcção dos caminhos de ferro já osteriam agora em França. Esta opinião não é minha, é franceza.

As estradas designadas para Portugal sommam 594 legoas, que a 2500 braças por legoa formam 1,485,000 braças, e estas multiplicadas por 3 braças ou 30 palmos que são de mais em muitas partes aonde bastam 20 palmos, darão 4,455,000 braças de superficie para todas ellas. A somma pedida para a sua execução são 5.000.000$000 réis, sairá portanto cada braça a 1$122 réis.

Pouca ou nenhuma statística temos sobre estas obras em Portugal, chegando a escacez d'ella a tanto, que já ouvi a um Sr. Deputado orando com muita presença de espirito na Camara, applicar para as estradas de pedra, o ápice que é apenas tolerado de inclinação no caminho de ferro. $\frac{1}{1000}$ para $\frac{1}{10}$. 100 contra 1. Em outra occasião fui provocado sem remissão por um digno Par do Reino depois Senador e ora fallecido, que se-reputava a si consumado não só n'este assumpto, mas em todas as transcendencias da sciencia mathematica, para dizer qual era o custo de uma braça de macadamisação, asseverando S. Ex.ª porque tinha feito ou mandado fazer a experiencia, ora que custava 8000 réis ou então pelo menos 4000 réis, disparidade esta que mostra bem a segurança com que fazia a provocação.

As imposições de uma parte, e as exigencias da outra, porque passou a estrada do Porto, e que encareceram os seus trabalhos emquanto duraram, fazem com que d'elles se não possa tirar um termo que possa servir de instrucção. Eu posso asseverar no entretanto que se ella os-tivesse resumido depois da sua reforma que foi pedida ás Côrtes pelo Governo, muitas empreitadas estavam offerecidas para se-effectuarem a 333 réis a braça quadrada. Desde este preço ao de 1122 réis vai uma distancia tão grande, que ella não faz senão corroborar o receio já indigitado de que nós não queremos o soffrivel, o compativel, e o abreviado, mas que queremos o magnifico postoque com o risco de ficarmos para sempre como estamos — sem nada.

Eu não entrei n'estes apontamentos para suscitar o melindre de ninguem, e menos o d'aquellas pessoas ou pessoa por quem tenho deferencia devida ao seu talento e á sua muita probidade; o meu escopo foi e é simplesmente com esse fraco contingente de notícias, que estão ao meu alcance, illustrar na sua parte economica assumpto de tanta importancia. Com esta unica intenção sendo mais do que possivel que seja repellido por diminuto para termo médio o preço que eu acabo de prenotar, seja-me licito assegurar a quem não acreditar n'elle, que tomando um espaço tal como o que vai de Coimbra ao Porto, que são 18 legoas, era e é possivel tornal-o transitavel mais do que medianamente, para diligencias, e recovagem de rodas, pela somma de 40 contos. Esta quantia repartida por 45,000 braças multiplicadas por tres egual a 135,000 braças, dá menos de 300 réis a cada uma. Eu tenho posto 3 braças de largura, mas quem tiver passado por este caminho que tenho andado por vezes com peritos, ha-de ter conhecido que em muitas partes não tem mais de 20 palmos ou 2 braças, nomeadamente em Souto Redondo que tem 15 [illegible] do Pico 15 e

12, Oliveira de Azemeis 18, Pinheiro 15, Albergaria 18, Sardão 15, S. João da Azenha 20, Avellans 20, Mealhada 18, Pedrulha 20, e calçada de Coimbra 20. Além d'estes logares ha outras partes aonde ametade da estrada está em travessões de 15 palmos, e outros 15 de calçada. A razão d'esta estreita dimensão em geral é que o grande risco da estrada nova não passou de Condeixa. Esse era talhado com tanta sumptuosidade que ha paragens d'onde tem certamente 60 palmos de largo, que é tudo em seu prejuizo.

Os 40 ou 41 contos mencionados por mim para a estrada de Coimbra ao Porto, cogito eu podiam ser divididos, 12 contos do Porto a Souto Redondo ou São João da Madeira, 14 d'ahi ao Sardão, e d'esta villa a Coimbra os restantes 15. O terreno é comtudo bastantemente accidentado, particularmente desde Santo Antonio á Ponte do Pico, d'ahi a Oliveira de Azemeis, aonde ha a ladeira mais ingreme de todo este trajecto sem exceptuar mesmo a do Rio Vouga. Entre a ultima villa mencionada e Bemposta ha tambem subidas e descidas; ao Marnel o mesmo; ao Agueda idem; e ha a calçada finalmente de Coimbra entrando na cidade pelo poente. Todo este alinhamento é todavia ainda mais intrecortado pelas aguas dos diversos rios que o-atravessam, pois que não se-contam boas e más, pontes e pontilhões, menos de 15 na totalidade da sua extensão. Intento comtudo em conciliar opiniões: accrescentarei que, não obstante estar persuadido de que é factivel sem exercer a ultima parcimonia fazer as estradas todas de Portugal por um preço medio muito menor do que aquelle que está proposto pela *Sociedade das Communicações Interiores*, tambem estou convencido que se as suas idéas forem deixar modelos de construcção viavel, então que nem mesmo pelo preço que está taxado, poderão chegar a satisfazer o alvo da sua ambição.

Apoiarei este dictum que trouxe por abundancia para reforço do meu argumento, na falta mesmo da população, quando a causa não perigasse pelos fundos. Essa especie ainda não foi considerada, e era a maior por onde se-havia de impedir o seu acabamento dentro do praso a que se-circumscreveram. A *Sociedade* propõe-se a fazer 594 legoas de estradas em 8 annos. Para isto se-poder verificar, é preciso fazer 74 por anno. Por calculos feitos por ingenheiros vindos de fóra, e que não submetto para não exhaurir a paciencia do leitor, foi arbitrado que para fazer as 56 legoas do Porto e Caldas eram precisos pelo menos 3200 homens a trabalhar constantemente durante 2 annos, logo fazendo applicação d'estes dois termos serão precisos 8,457 homens para fazer as 74 em um anno. Mas d'estes, na razão de 250 para 400, devem ser separados 3,252 pagos pela Decima que são os unicos sómente, que permanecem no trabalho durante todo anno. Os outros 5,204 que são proletarios não devem trabalhar mais de 4 dias segundo as premissas do programma, e isto faz dividindo 365 dias por 4 que tenham de ser renovados 91 $\frac{1}{4}$ vezes, o que dá 474,865 individuos differentes que teem de contribuir com a sua data quadridia de trabalho. Ora nós não temos mais de 455,944 homens disponiveis, segue-se ou que a obra ha-de ficar por acabar, ou a tarefa dos indigentes ha-de ser elevada a mais do que lhe-está adjudicada ou a talvez 5 dias, ou ao equivalente de 3200 contos, ou a mais de 14 vezes o que pagam os proprietarios.

Os nossos meios são parcos em todos os sentidos, e por todos os lados que se-encaram. Em Inglaterra que é paiz rico, diz Dupin, Voies pub. T. 1. p 30, na falta de outros materiaes, aonde ha abundancia de argila costumam calcina-la, e servem-se d'ella com bom effeito para substituir a pedra. Tambem aonde os declivios são muito agudos (id. pag. 157) e os rebaixamentos por isso muito dispendiosos ou mesmo impraticaveis, costumam em ametade da estrada extender *rails* ou carris por onde um cavallo é capaz de tirar por 3 toneladas de peso, e regularmente pucha por 1 $\frac{1}{2}$ tonelada ou mais de 100 arrobas. Isto acontece em Dundas na Escocia, que é tanto ou mais montanhosa do que Portugal, o que a não priva de ter todas as estradas de que precisa, e que os viajantes gabam por boas. D'estas substituições em que falla este A. e as mais que a experiencia ensinasse, é que era optimo que se-ensaiassem entre nós, que são as unicas pelas quaes se-poderá resolver o problema interessante que se-propoz á *Sociedade das Communicações*.

(Continuar-se-ha).

Claudio Adriano da Costa.

POÇOS ARTESIANOS.

494 O poço artesiano de *Grenelle* em *Pariz*, bem conhecido em toda a Europa, pelo interesse scientifico, que tem acompanhado a sua abertura, ha já algumas semanas, que deita agua tão christalina e potavel como a melhor agua filtrada do Sena. — Assim parece estar por fim esgotada a cama da agua, que antes saía turva e suja.

Tão profundo é aquelle poço, tanto havia, que n'elle se-trabalhava sem se-obter o desejado, que já os periodicos, e quasi toda a gente, se-riam da constancia dos furadores; e por pouco não ficou sendo as obras de Santa Engracia de *Pariz*: mas a perseverança (é o que succede quasi sempre) chegou a final ao cabo com o seu empenho; os que haviam lidado, riram-se; e os que haviam rido, envergonharam-se. — ¿Porque não aproveitaremos a lição? — Uma tentativa artesiana se-malogrou no *largo de S. Paulo*, porque não fazemos segunda, e terceira, e trinta e tresentas? Se n'aquelle sitio o terremoto havia desconcertado o interior da terra, porque não sondaremos outros sitios da cidade que toda ella no verão se-abrasa em sêde e secura? porque não acudiremos áquella adusta Lybia de tanta parte do nosso Alemtéjo? — Obras são estas em cujo abôrto pouco se-perde, e que chegadas ao suspirado termo pagam o seu dispendio com lucro de milhões por um.

NOVA MACHINA DE VAPOR.

495 Diz o *Prapagatum de l'Aube* que Stinzel e Mirlna da cidade de *Gray* no Departamento do *Haute Saône* — França, — inventaram e acabam de construir uma nova machina de vapor, que nem é de baixa nem de alta pressão, mas sim sob o principio de rotação: occupa um espaço muito menor, que as máchinas actuaes da mesma força, não dá logar a perda de vapor pela dilatação, e é tão simples em suas partes, que a-póde qualquer, por menos experiente que seja, manusear e dirigir — O seu custo anda por metade das actuaes máchinas. Até hoje não se-tem construido outras de maior força de 500 cavallos, mas por este invento novo poderemos tel-as da força de 1,000 cavallos!

As auctoridades de *Gray* certificam em um relatorio seu a veracidade do que deixamos expendido.

ASSOMBROSOS E UTILISSIMOS INVENTOS.

496 Em Maio do anno passado fez-se na Eschola Polytechnica de Londres uma experiencia do Dr. *Payerne*, na presença de varias pessoas de eminentes qualificações scientificas, para provar que — é possivel ao homem o respirar dentro d'agua tão bem como fóra d'ella; e cujos resultados obrigam a acreditar que não está longe o tempo de se-poder viajar pelo fundo do mar com tanta facilidade, como pela sua superficie. Conservou-se o Doutor dentro do *sino hydráulico*, (que foi arriado ao fundo do tanque d'agua no salão da Polytechnica), por espaço de *tres horas successivas*, sem a menor communicação com o ar athmosphérico, que estava excluido por uma pelle que tapava efficazmente a bôcca do tubo d'ar. — O Doutor affirma que poderá estar acompanhado por qualquer número de homens, no fundo do mar, sem maior incommodo, e pelo tempo que fôr preciso — *verbi gratia* um mez; — e tenciona applicar esta sua invenção ao salvamento de naufragados, e outros trabalhos submarinos: como, examinar o estado das portas dos diques, o costado dos navios, os alicerces das pontes, etc., e só espera pela outorga do privilegio, para começar a trabalhar. — O modo de elle obter tão extraordinario resultado, é infallivelmente a reproducção dos gazes necessarios á conservação da vida; mas, o como elle chega a este fim, ninguem o-saberá, emquanto no privilegio se não vir a descripção. — As experiencias comtudo já provam que o resultado não póde pôr-se em dúvida, porque no fim das tres horas mencionadas, o Doutor appareceu fóra d'agua sem o mínimo signal de ter padecido, apezar de haver levado para baixo comsigo algumas vellas accesas, para próva de que se-póde allumiar nas suas operações submarinas, quando seja necessario. — Este Doutor é o mesmo que lá construiu agora um ingenho da fôrça de 40 cavallos, capaz de transitar com grande velocidade nos caminhos de ferro, sem vapór, sem caldeira, sem fornalhas, e sem materia alguma perigosa, explosiva, ou combustivel. A Associação Polytechnica próva, n'este caso, o grande beneficio que tira o público de estabelecimentos d'esta natureza: e convém que seja sabido geralmente, que, pelas liberaes disposições d'esta instituição, podem os inventores fazer conhecer a todo o mundo os seus descobrimentos, sem dispenderem a mínima quantia. — E observa-se com prazer quanto o público aprecia o modo, porque os directores desempenham os fins da Polytechnica, ávista da multidão de pessoas que diariamente a-frequentam.

ASSUCAR DE ABRÓTEA.

497 Por noticias recentes da *Grecia*, consta que os Directores da Fabrica Real de assucar de batarraba, no rio de Kaïnurio-Chorio, tem concluido com excellente resultado, alguns experimentos sobre a raiz da abrótea (Aspholdélus de Linneo), que tanto na *Grecia* como no nosso *Portugal* cresce espontaneamente pelos montes, e em grande abundancia; e aqui ao pé de *Lisboa* se-acha em grande profusão pela Serra de Monsanto, d'onde vem a que se-vende nas lojas dos herbolarios: está bem provado que a raiz d'esta planta não sómente dá um assucar de muito melhor qualidade, mas que o-dá em quantidade *seis* vezes maior que a batarraba. — Parece-nos que uma fábrica de assucar d'esta raiz, no interior do Reino, seria uma especulação mui lucrativa para os nossos chimicos e capitalistas. — Pedimos-lhes que prestem attenção a esta notícia.

A HOMOEOPATHIA, E A HYDRIATRIA.

> Non, la méthode hydropathique ne peut pas composer á elle seule toute notre thérapeutique..... Mais c'est une nouvelle acquisition qui vient augmenter les richesses de notre art.
>
> *Dr. Baldon.*

498 Em qualquer ramo dos conhecimentos humanos, sempre que apparecem novidades, ha quem as-receba como evangelhos, e tambem não falta quem para logo as-rejeite: uns e outros erram. Hoje que duas novidades medicas de grande vulto, (e de grande vulto são sempre as novidades em medicina) hoje, que a *homoeopathia*, e a *hydriatria*, nascidas e criadas ambas na Allemanha, n'esse paiz de profundos pensadores, ameaçam a medicina com uma revolução, pareceu-nos conveniente dar a cada uma o seu valôr relativo. Para o público escrevemos; que aos professores da arte nos não atrevemos nós a dizer o que elles melhor sabem.

É a *homoeopathia* um systema que, apesar de ingenhoso, começou por onde devia acabar, e acabou por onde devia começar; começou no gabinete, e acabou na clínica. Além d'este defeito, que é capital, tem outro não menor; e é, a falta de fundamento solido; falta esta que os medicos conheceram logo, antes de o-levarem á pedra de toque das doctrinas medicas, ao cadinho da experiencia. Não foi assim que a medicina começou, nem assim se-tem adiantado.

A *hydriatria* não é um systema scientifico; é uma simples prática: tem o seu fundamento nas experiencias, que seu author não fórça a amoldarem-se a theoria alguma. As meras theorias em medicina passam com mais ou menos rapidez; tem principio na imaginação de seus authores; desenvolvem-se communicando-se aos medicos e com os affagos dos aduladores, com o alvoroço dos amantes de novidades; a final succumbem na applicação, não deixando após si mais do que uma recordação, ordinariamente bem triste, pelo número de suas victimas. Tal é a sorte das theorias médicas. Os factos não; esses não são perdidos para a sciencia; a todo o tempo aproveitam ao medico, que, não deslumbrado por espirito de systema, sabe interrogal-os. Assim começou a medicina, e assim se-tem elevado ao gráo em que hoje se-acha. Já d'aqui se-vê a vantagem que a *hydriatria* leva á *homoeopathia*; mas continuemos.

A *homoeopathia*, com uma pathologia fundada em principios não provados, nem provaveis, apresenta uma therapeutica, que o homem mais melancholico não póde contemplar sem se-rir.

A *hydriatria*, bem que paradoxa á primeira vista, é fundada em factos: isto basta. Mas o paradoxo é apparente, como vamos demonstrar. Elle consiste na seguinte proposição: — Um homem acabando de suar, mette-se em um banho frio, e este acto não lhe-é nocivo. — Para fazer desapparecer o paradoxo desta proposição, não nos-serviremos de provas theoricas, que

não convencem o público, leigo em theorias medicas; e mesmo porque sempre admittem réplica; servir-nos-hemos de factos, que são prova irrefragavel. É geralmente sabido que os Russos, depois dos seus banhos de estufa, se-precipitam no gêlo, sem que d'ahi lhes-resulte damno algum; e este facto tem sido adduzido por todos os que teem emprehendido desvanecer os receios, que o methodo *hydriatrico* tem inspirado.

Mas ainda ha mais. Em todas as provincias do nosso Portugal, os rapazes que habitam na proximidade de rios, ou regatos, onde se-fazem reprezas para ajuntar agua, que ha de servir para usos d'agricultura, tem por uso ir, nos dias e horas de maior calôr do anno, correndo desde a sua habitação até o rio, ou repreza, e chegando cobertos de suor lançarem-se logo na agua, sem que disto se-lhes-siga o menor incommodo. Eu o-presenciei muitas vezes, e muitas vezes eu mesmo o-fiz. Alguem dirá que a pelle é nessas idades dotada de grande actividade vital, e por consequencia capaz de reagir contra a impressão do frio. A isto responderemos nós; é verdade: mas em compensação, o suor é neste caso acompanhado de circumstancias, que muito devem concorrer para o máu effeito deste acto; quaes são, a acceleração dos movimentos dos systemas circulatorio, e respiratorio; em quanto pelo methodo *hydriatrico* estes dous systemas se-acham, na occasião do banho, no estado de perfeita tranquillidade; além do que, a applicação do frio é graduada segundo a actividade vital do individuo, e á impressão deste agente se-vai elle pouco e pouco habituando. A'nda mais. Nós estamos usando da applicação do frio, e do frio glacial, a doentes, cuja pelle se-acha com uma diminuição consideravelissima d'actividade vital, como no typho; e diz-se, *Hanemann* o-applicou com proveito na cholera-morbus Asiatica. Á vista disto, ¿será por ventura mais repugnante fazer entrar em um banho frio um homem acabando de suar, que apesar de doente, tem sufficientes forças para passear depois do banho, do que applicar gêlo pisado á cabeça, ou ao corpo de um homem semi-morto, que não tem forças nem para se-voltar na cama? Eis pois a nosso vêr desvanecido o paradoxo.

As medicações homeopathicas não se-prestam a uma explicação: ninguem, afoutamente o-dizemos, ninguem é capaz de nos-explicar como um glóbulo medicamentoso da vigessima, ou trigessima attenuação, produz os effeitos que os homeopathas pertendem, senão pela sua vã doutrina.

Os resultados das applicações *hydriatricas* explicam-se excellentemente por todas as doctrinas medicas, e para isto basta chamar-lhes diluentes, attenuantes, evacuantes, tonicas, ou revulsivas, que tudo isso ellas são, segundo os differentes systemas medicos, por que se-quizerem explicar: e como revulsivas diremos, que attendendo á quantidade de liquidos, que os doentes perdem pelo suor em *Graefemberg*, e ás erupções que durante o tractamento se-manifestam, estas applicações são mais poderosas do que as de que usamos ordinariamente em medicina; além de que produzem muito menos incommodo, e obram em menos tempo, de fórma que com este methodo se-cumpre com o preceito medico de curar *tuto*, *cito*, *ac jucunde*.

Em summa, a homeopathia é um systema *cerebrino*, destituido de fundamentos, e os effeitos da sua applicação são, ao menos, nullos; em quanto a *hydriatria* é um methodo racional d'applicação de um agente therapeutico poderoso, cujos effeitos a theoria mostrou que podem ser mui vantajosos, e a experiencia o-tem confirmado.

Muito mais se-poderia dizer; porém além de que os limites a que somos obrigados, não permittem maior desenvolvimento, o que fica dito é sufficiente para um juizo comparativo. A homeopathia vai decaindo; a *hydriatria* começa, e melhor fado lhe-auguramos nós, pelo que ella é em si, e pelo que já vemos. Os estabelecimentos *hydriatricos* se-multiplicam; contam-se já nos differentes Estados d'*Allemanha*, na *Suissa*, *Belgica*, e *Polonia* mais de cincoenta, em que se-tractam perto de quatro mil doentes; e em *França*, nos-dizem, se-trabalha no mesmo, depois do relatorio apresentado ao Ministerio por o Doutor *Baldon*. Agora perguntaremos nós, e este foi o principal fim que tivemos em vista, quando nos-resolvemos a escrever estas poucas linhas; ¿Porque razão não ha de o Governo Portuguez mandar um medico visitar *Graefemberg*, para estudar este methodo de curar, que tão vantajoso se-nos-antolha, e formar cá um estabelecimento *hydriatrico*? Seremos nós os ultimos em imitar os estrangeiros em cousas que tanto proveito promettem, quando somos os primeiros em adoptar as suas futilidades? Oxalá que não; e que a *França*, centro da civilisação europêa, nos sirva d'incentivo com o exemplo que nos-dá na adopção deste utilissimo descobrimento: utilissimo lhe-chamamos, e com inteira convicção, á vista do que lêmos no Manual d'hydro-sudo-pathia do Dr. *Bigel*. Ninguem ignora que as molestias chronicas, que são, em geral, o opprobrio da medicina, conduzem a uma morte prematura numerosas victimas, e ainda quando a medicina empeça ou afaste esse exito fatal, ellas reduzem os que as-padecem a um estado valetudinario, a um viver de dôres e privações, que pouca vantagem leva á morte: ora pois, nessa classe de molestias é que a *hydriatria* faz prodigios. Haja por tanto n'este nosso Portugal um estabelecimento *hydriatrico*, e estou persuadido, que apezar da repugnancia, que os homens em geral, e particularmente os creados na molleza e luxo das grandes cidades, mostram a esta medicação, muitos dos que passam vida amargurada, e todos, depois de verem o proveito que d'ella se-tira, com avidez a-buscarão, e dentro em pouco tempo novos estabelecimentos se-fundarão por todo o reino.

Repetimos, que este meio therapeutico não se-applica a todas as molestias, e já por isso escolhemos para epigraphe aquellas palavras do Dr. *Baldon*; é sim para um grande numero dellas: quaes sejam as que assim se-devam tractar, o medico decidirá; e a elle tambem cumpre fazer na sua applicação os melhoramentos, que a observação, d'accordo com os seus conhecimentos, lhe-suggerir. *A. S. Pereira.*

PARALISÍA DA BEXIGA, CURADA COM TINTURA DE CANTHÁRIDAS.

499 Já lá vai o tempo dos detractores da Medicina; foi moda em Portugal, que passou. Com effeito a ninguem hoje deixa de maravilhar o grande progresso das sciencias medicas, n'este seculo da expe-

riencia e analyse. E acaso não é para grangear á Medicina o respeito do mundo, o haverem seus professores, ajudados da chímica, arrancado á morte centenares d'enfermos, por meio dos venenos mais mortíferos, e do mais rápido effeito? Ver *Magendie*, triumphando das ameaçadoras tosses hystéricas, e convulsivas com um átomo de *ácido hydrocyanico; Fouquier*, vencendo as paralisías (sem affecção primitiva das medullas), dando a *noz vómica*, em seu princípio activo, a *strychnina*; *Fowler*, curando as affecções herpeticas degeneradas, as cancrosas, e as rebeldes quartans, por meio das preparações *d'arsénico;* e outros insignes práticos, que com igual fortuna teem combatido cruellissimas enfermidades com venenos, o que lhes-tem grangeado os louvores da humanidade agradecida?

A *tinctura de cantháridas* é tambem um veneno dos mais corrosivos; e com tudo habeis medicos a-teem utilisado, na Allemanha especialmente, contra as paralisías da bexiga: é um d'estes casos o que eu vou referir.

No dia 11 do corrente, fui chamado ao logar das *Gonçalvinhas*, freguezia de *S. André de Mafra*, para vêr o doente *Silverio da Silva*. Disse-me que desde o dia 20 do passado Março, não podia ourinar, sem algália; e na occasião tinha introduzida na urétra uma sonda de goma elástica, por onde a ourina saía, sem elle a-sentir; observando que sempre depunha abundante sedimento. Pelo mais que referiu, do princípio do mal, fez-me conhecer uma paralisía da bexiga, e lhe-receitei duas libras de uma bebida mucilaginosa, com tres gottas de *tinctura de cantháridas;* e lhe-mandei tomar esta bebida ás colheres, amiudadas vezes.

Voltei a vêl-o no dia 15, e me-disse que sentia vontade de ourinar, que até alli lhe-faltára, e tambem observava força maior na expulsão do líquido pela sonda. Então lhe-ordenei a-tirasse da urétra; eram 11 horas do dia; e deixei o enfermo, com ordem de avisar-me pelo fim da tarde, do que acontecesse.

Veio á hora indicada a notícia de não haver mais ourinado o doente, além de poucas gottas com muitissimo ardor. Receitei-lhe a primeira bebida com seis gottas da *tinctura de cantháridas:* ás nove horas da noite havia expellido duas libras d'ourina, com alguma dysúria; no dia seguinte, 16, deitou duas grandes canadas de líquido, ainda com dysúria, a qual até hoje muito tem diminuido, e promette acabar com brevidade.

O Medico de Mafra, *Francisco d'Assiz de Castro.*

NOVO COLLETE DE SALVAÇÃO.

500 « Em Dunkerque fez-se a experiencia de um collete de salvação, inventado por um Hollandez, o qual, sem impedir os movimentos do corpo nem a manobra nos navios, faz boiar qualquer homem, ainda o mais enroupado, que venha a cahir ao mar.

« As conclusões do relatorio, feito em consequencia das experiencias a que se-procedeu, são:

1.° « Que em todos os casos o collete sustentará em cima da agua a pessoa que o-tiver vestido. 2.° Que não impedirá aos homens, que o-trouxerem, de manobrar, tanto sobre o convéz como nos mastros. 3.° Que em um naufragio livrará a pessoa que o-tiver vestido de ser ferida pelos destroços do navio.

(Rerceio das Familias).

VARIEDADES.

COMMEMORAÇÕES.

NAUFRAGIO DE SEPÚLVEDA.

Junho 19 *de* 1552.

Aqui espero tomar, senão me-engano
De quem me-descobriu summa vingança;
E não se-acabará só n'isto o damno
De vossa pertinace confiança:
Antes em vossas náus vereis cada anno
(Se é verdade o que meu juiso alcança)
Naufragios, perdições de toda sorte,
Que o menor mal de todos seja a morte.

501 Ésta tão horrivel ameaça pôz o nosso grande *Camões*, na *bocca negra, de dentes amarellos*, do terrivel Adamastor, quando exprobrou ao Gama a ousadía dos Portuguezes, successores do seu imperio marítimo. Mui á risca a-cumpriu a despojada divindade. É medonha a narração dos espantosos naufragios das frótas portuguezas, em que todas as historias das nossas navegações fallam. Bem caro comprámos tanta gloria, tanta riqueza, tantos odios, tanta inveja! para hoje nos-revolvêrmos em tanta miseria e desconsolação. . . . Assim quer Deus que todos os ricos e ambiciosos fiquem vazíos. Faz hoje não annos, senão já seculos, que por via do mais pavoroso naufragio de que ha memoria, saltou o valentissimo capitão *Manoel de Sousa de Sepúlveda* n'aquellas infernaes praias da Cafraría, onde depois de mui penosa peregrinação, havia de elle proprio sotterrar os cadaveres de sua mulher e filhos, e depois sumir a desesperada vida n'algum covil de féras. Ninguem haverá que não conheça o lamentavel poêma que d'esta catastrophe escreveu *Jeronimo de Corte Real*. Pois nada mais farêmos (porque nol-o embarga a leitura que d'elle acabamos de fazer), nada mais faremos que pedir para este dia a lição d'algumas paginas d'esse livro tão proveitoso para quem é mortal.

A. da Sylva Tullio.

Pela affluencia de artigos que não admittiam demora nos-temos visto constrangidos a interromper as cartas do Sr. *Herculano* que aliás, pela importancia altissima de sua materia, e pelo respeitavel nome de seu auctor, sobre quaesquer outros escriptos obteriam facilmente a preferencia.

CARTA 3.ª — SEPARAÇÃO DE PORTUGAL DO REINO DE LEÃO.

(Continuação da pag. 395.*)*

502 O eruditissimo Auctor das Memorias sobre as origens de Portugal e sobre o *Conde Henrique*, segue algumas opiniões ácerca d'estes primeiros tempos da monarchia differentes das minhas. O peso, que o respeitavel nome d'aquelle sabio dá a todos os seus escriptos, obriga-me a accrescentar varias considerações em abono da opinião que, o estudo d'essa epocha e dos seus monumentos me-constrange a seguir.

Destruida, como me-parece ficou, a tradição de haver sido dado *em dote a D. Theresa o dominio* de Portugal, resta averiguar se não se-fundaria em outros motivos legaes o procedimento do *Conde Henrique*, ale-

vantando-se com o condado de Portugal, e convertendo-o em estado independente.

Digo *alevantando-se*, e digo-o mui de proposito, porque esta expressão é a que designa exactamente o facto que resulta dos documentos d'aquella epocha. A somma dos diplomas que colligiu *J. P. Ribeiro* (1) relativos ao governo em Portugal do *Conde Henrique*, levam á evidencia, que emquanto viveu *Affonso* 6.°, seu genro se-considerou sempre como um consul ou governador de Provincia dependente do rei, segundo o systema politico e administrativo da Hespanha, e que por morte d'aquelle principe é que este reconhecimento de dependencia desapparece dos documentos. Não constando, porém, de acto ou diploma algum público a separação legal do condado d'*Henrique*, antes pelo contrario, não se-fazendo menção d'ella no ajunctamento que em Toledo celebrou aquelle monarcha pouco antes de morrer, para deixar a Galliza a seu neto, e fazer acceitar *D. Urraca* por successora da monarchia, póde concluir-se que a independencia do Conde foi apenas uma revolta, que as circumstancias das divisões intestinas coroaram de bom successo.

O respeitavel Auctor das Memorias do *Conde D. Henrique* diz que « a *practica* d'aquella edade parece *em certo modo* favoravel ás pretenções, que os leonezes e castelhanos tiveram a este respeito. Os muitos e grandes senhores, que então havia em Leão, Castella e Galliza, e governavam algum grande territorio com o titulo de Condes, eram sugeitos *como feudatarios* aos reis. . . . » Seja-me permittido dizer que n'estas palavras ha talvez uma notavel confusão d'idéas. Eram as *instituições*, não a *practica*, que, não *em certo modo*, mas *positivamente*, eram favoraveis a essas pretenções. Os grandes senhores que governavam condados eram sugeitos á corôa, não *como feudatarios*, mas como exercendo uma *delegação do soberano*. As instituições feudaes foram essencialmente diversas das da Hespanha christã, central e occidental. Um conde, um senhor, *(Princeps terræ)*, um alcaide de castello *(Municeps)* eram n'este paiz existencias sociaes mui diversas dos duques, condes, barões e castelleiros *(castellani)* dos paizes feudaes. A influencia franceza introduziu na Hespanha muitas fórmulas da organisação aristocrática chamada feudalismo, mas na essencia a índole wisigothica da sociedade hespanhola subsistiu sempre atravez d'essa influencia. É isto o que nos-dizem claramente as leis e os factos, os documentos, os monumentos e a historia.

No seculo 11.° o systema feudal chegou ao seu desinvolvimento completo. Os feudos, amoviveis a principio, tinham-se tornado hereditarios, e a feudalidade tinha-se estendido não só á terra, mas aos cargos, ao serviço publico, a tudo. A perpetuidade foi o seu primeiro caracter: a soberania do feudatario em seu feudo, o segundo. Satisfeitas as obrigações dos serviços do senhor territorial para com o suzerano, elle exercitava livremente em suas terras todos os actos, que n'um governo absoluto dos tempos modernos póde exercitar o rei. O terceiro caracter do feudalismo, que consistia nas relações mútuas entre os nobres e entre estes e o monarcha ou suzerano supremo, era todo, por assim dizer, exterior á organisação interna do dominio feudal. Estes tres caracteres são os que distinguem essencialmente aquelle systema politico. Tudo o mais é variavel, accessorio, incerto (2). Dão-se porêm esses caracteres no que se-chama feudalidade hespanhola? Não; porque as instituições do paiz lhes-eram contrarias. O feudalismo invadindo a Peninsula aninhou-se geralmente nas fórmulas, mas nunca póde penetrar no amago da organisação social.

Eu já lembrei o absurdo que resulta de suppor que ao *dote* de *D. Urraca* se-tirou uma porção para dar tambem *em dote* a *D. Theresa*. O mesmo absurdo resultaria de suppor que ao Feudo do conde *Raimundo* se-tinha tirado um fragmento para infeudar a *Henrique*. Mas já na instituição d'aquelle feudo da Galliza occorre outra difficuldade: ou os condes e senhores, que vemos governarem differentes districtos de Galliza e Portugal antes de *Raimundo*, tinham todos morrido *e sem filhos*, quando este foi posto no governo do territorio gallego e portuguez, ou d'este successo resulta egual absurdo. Associar com taes factos a idéa de feudalismo é em meu intender gerar uma monstruosidade; é pretender destruir incompatibilidades indestructiveis; é tirar ao feudalismo o seu primeiro caracter.

A célebre carta de *Affonso* 6.° ao conde *Henrique*, ácerca da demanda que corria entre o bispo de Coimra e um tal *D. Cibrão* sobre a aldêa de Golpelhares, em que diz que não a *concederá (outorgabo)* ao *D. Cibrão* se-pertencer ao mosteiro de Vacariça (3) sería um attentado flagrante contra o direito feudal, como elle se-achava já constituido n'aquella épocha; sería offender a soberania do feudatário dentro dos seus territorios, se Portugal fosse possuido pelo conde, segundo os principios da jurisprudencia feudal.

Lemos na Historia Compostelana (4) que tendo o conde *Raimundo* feito uma lei para obviar a certas vexações que padeciam os burguezes de Compostela, na qual impunha aos transgressores penas pecuniarias, vindo depois *Affonso* 6.° fazer as suas devoções a Sanctiago, os cidadãos e o proprio consul *Raimundo* lhe-pediram a confirmação d'ella para que fosse valedoura no futuro. Ou *Raimundo*, tendo vindo do paiz do feudalismo, ignorava completamente os principios essenciaes do direito feudal, ou não se-considerava de modo algum como senhor feudatário da Galliza, aliás regeitaria similhante confirmação.

Poderia citar centenares de factos análogos, que estão demonstrando que taes feudatários não existiam na Hespanha. Mas a demonstração capital d'esta verdade resulta da impossibilidade em que estava o paiz de admittir esses extensos feudos.

As situações hierárchicas dos senhores de terras nos paizes feudaes eram n'aquelle tempo diversas. Os *valvassores majores*, ou *barões*, eram os feudatários da corôa; abaixo d'estes ficavam os simples *valvassores* e *castellani*, subfeudatários dos primeiros (5). Esta graduação era possivel em França, por exemplo, porque no tem-

(1) Dissert. Chronol. e Crit. T. 3. P. 1 pag. 33 — a 58.

(2) Veja-se Guizot, Civilisat. en France — desde a Lição 32.ª até a 40.ª, onde a historia do feudalismo é tractada com a profundidade e clareza com que nenhum outro escriptor a tractou ainda.

(3) Ribeiro Dissert. Chron. e Crit. T. 3 P. 1 pag. 49 e 50.

(4) Liv. 1. c. 23.

(5) Hallam-Europe in the Middle Ages C. 2. P. 2. Ducange Verbis *Baro*, *Vavassor*, *Castellanus*.

po das conquistas dos francos nas Gallias, os capitães das hostes *(Heri-zoghs, Koenigs)* tomando para si vastas extensões de territorio as-tinham repartido pelos seus guerreiros. Passando da vida errante á existencia fixa, os barbaros sentiram logo a necessidade do principio hereditário applicado á propriedade territorial. D'aqui os feudos e subfeudos, e as obrigações diversas inherentes aos possuidores d'elles. Mas as hierarchias não se-alteravam á mercê do suzerano supremo: o filho do barão era barão como seu pai, o filho do vavassor, vavassor como este. Os factos que se-possam apresentar de algum modo em contrario, ou foram practicados em terras que fossem primitivamente *allodios reaes* (correspondentes aos nossos *reguengos*) que o rei podia infeudar a um vavassor para o-elevar á hierarchia de *Baro*, ou custaram muitas guerras, incendios e mortes; isto é, nasceram da violencia e da extra-legalidade, e não das instituições feudaes, a que seriam perfeitamente contrarios.

Na Hespanha, porêm, a elevação de *Raimundo* e de *Henrique* não foi resultado de uma conquista. Os territorios da Galliza dados áquelle, e os de Portugal, dados a este para governarem como condes, estavam libertados do jugo árabe, na sua maxima parte, e regidos por condes, senhores, maiorinos, alcaides etc. que, admittindo ser então a organisação politica da sociedade hespanhola feudal, eram (pelo menos os condes) *barões*, isto é feudatários immediatos do rei. E como consentiriam estes *vavassores majores* em passar para a classe de simples *vavassores*, o que de necessidade aconteceria se na realidade se-tivessem creado então estes dous grandes feudos? Como não apparece o menor vestigio de resistencia a essa violação do direito politico do paiz?

Sei que os que imaginam existirem na Hespanha instituições feudaes poderão talvez soccorrer-se ás clausulas, que no pacto successorio entre *Raimundo* e *Henrique* assentam nos principios de direito feudal (6). D'estas passagens muitas outras se-poderiam colligir dos diplomas e memorias d'esse tempo; mas n'este documento, que era um tractado secreto, não admira que os dous principes, sendo ambos francezes, contractassem debaixo dos principios da jurisprudencia patria, ou que, bem como acontece nos outros diplomas, em que se-acham passagens análogas, houvesse n'elle um abuso de terminologia feudal accommodada ás instituições hispanicas, vindo assim a significarem as palavras *ut sis indè meus homo, et de me eam habeas domino*, que o conde *Henrique* ficaria com o governo de Toledo, como conde delegado n'aquella provincia, reconhecendo a supremacia real de *Raimundo* n'esse districto, emquanto Portugal ficava sendo estado separado e independente.

Que se fazia este abuso de termos na Peninsula é incontestavel. O *Feudum reddibile* não existia ainda, n'aquella épocha, porque só appareceu quando, degeneradas as instituições feudaes, a palavra *feudum* começou a servir para indicar todo o genero de transmissão incompleta de propriedade (7). Não podia, portanto, ser conhecido na Hespanha no principio do seculo XII um genero de falso feudo, que se-oppunha á mesma essencia da propriedade feudal — o hereditário e a perpetuidade. Todavia a Historia Compostellana assevera que o arcebispo de Santiago déra ao de Braga certas propriedades *ad tempus pro feudo*, e este declara que as-recebera *in praestimonium sive feudum*, d'onde claramente se-vê que então se-tomava *feudo* por synonimo de *prestamo*, sendo aliás coisas diversissimas. (8). A rainha *D. Urraca*, tendo comprado ao mesmo arcebispo de Sanctiago o castello de Cira, pediu-lh'o depois *in pheodum*, diz o historiador compostellano, e elle lh'o concedeu com a condição de que logo que lhe-fosse pedido o-entregasse (9). Se entendessemos, porêm, a palavra *pheodum* na sua verdadeira accepção, não houvera sido impossivel similhante contracto?

A. Herculano.

(Continuar-se-ha.)

CORRIDA DE TOUROS PROGRESSISTAS.

503 De um estudo (ao que parece) aturado e profundo, feito, por alguns individuos, da banda de S. Miguel d'Acha, sobre o spectaculo dos touros; resultou serem alli proscriptos capinhas, cavalleiros, cavallinhos de pasta, emfim todos aquelles modos de tourear, que sombras sequer mostrassem de agilidade, destreza, ou galanteria (se é que em taes coisas aspóde haver); substituindo-lhes um methodo inteiramente novo, e em completa harmonia, com a essencia de taes spectaculos — a bruteza. — Já nos-parece, estar vendo arregalar os olhos do leitor *toureiro-dilletante*, esperando, de queixo caído, pela explicação d'este methodo, que só indicado, tanto o-regala. Pois lá vai. Imaginem-se, dois circulos parallelos, no centro dos quaes existe o touro, e cujas circumferencias são occupadas — a maior, por uma dóse de 20 a 40 doidos, armados com varas de 10 a 15 palmos, munidas de agudos ferrões; e as quaes estando na posição de ferroar, terminam a segunda circumferencia. Depois de se-acharem, o boi e seus contrarios n'esta posição brilhante, ha um prelúdio d'assobio e gritaria, ao qual se-segue uma descarga de ferroadas d'alma, contra o animal-touro: este, como é de crer, enraivecido, começa o seu ataque com as armas que Deus lhe-deu; porém, como se-vê no meio de fógos tão cruzados, anda para cá, e para lá, ao som das gargalhadas dos circumstantes; e o spectaculo toma então a cathegoria de *jogo de papelão;* o que na verdade é bello, é *de effeito*. Segue-se o melhor — o touro encerrado por algum tempo, na circumferencia das ferroadas, escapa-se a final pela *tangente*, e ei-las ao sol as nocturnas tripas d'algum dos gladiadores de vára larga. — D'ahi, esbandalham-se circulos e circumferencias; cada qual foge para seu lado; os que ainda teem juizo, promettendo não voltar, e os *parvos*, tornando ao combate, desejosos de alcançar *a corôa immortal da liça toura;* isto é, ficar como *Origenes*, segundo succedeu a um individuo; ou subir a duas ou tres váras d'altura, com o auxilio d'esse

---

(6) .... totamque terram, quam obtines modo à me concessam, habeas tali pacto; *ut sis inde meus homo, et de me eam habeas domino.*

(7) Com effeito os documentos em que Ducange estriba a existencia do *Feudum reddibile*, isto é, que o suzerano podia tirar quando lhe-apprazia, pertencem aos seculos 13 e 14. Veja-se tambem *Hallam Cap. 2. P. 1 ad finem.*

(8) O prestamo, ou aprestamo (praestimonium) era a concessão vitalicia do usofructo d'alguma propriedade. Vide *Viterbo* Elucid. verbo *prestamo*, seu *aprestamo*.

(9) H. Compost. L. 1. c. 81 e L.° 2. c. 81.

gaz cornígero, ministrado pelas pontas do boi, e caír moribundo; como tambem aconteceu a outro sugeito no dia do Coração de Jezus, ¡ egualmente festejado com touros! d'onde resultaram altercações, pedradas, e sangue derramado.

O que se-acaba de lêr é extracto de uma carta que do proprio sitio nos-remetteu pessoa, que havendo touros não falta lá (é fragilidade humana); mas que deseja como homem de bem que os não haja.

AS PROEZAS DE RICHELIEU.

Correspondencia.

504 Illmo Sr. Redactor — Lemos em o n.º 33, da muito acreditada *Revista Universal Lisbonense*, a pag. 397 — uma breve, mas acre e forte censura á comedia, que tem por titulo — *As Primeiras Proezas de Richelieu.* — Se não fôra o grave respeito que tributamos á judiciosa e delicada penna do Sr. *Antonio Feliciano de Castilho;* (respeito, de que nos-parece termos já dado não equívocas provas), talvez não rompessemos o silencio e continuassemos, no retiro em que nos-achamos, a curar só da nossa debil, e tão gastada saude. — Porém como licenciámos a comedia, de que se-tracta, e fomos tão curto que nem lhe-enxergámos as torpezas, pedimos, e pedimos com franqueza e lealdade, ao Sr. *Castilho*, que nos-aponte algumas das muitas, em que deve abundar! para sabermos como havemos proceder, para o futuro, em objectos de tanta ponderação.

Protestâmos que n'este pedido não entra o mais pequeno vislumbre de despeito; — e que a nossa humilde e mal aparada penna, é unicamente guiada pela mão do respeito.

Esperâmos, que o Sr. *Castilho*, nos-responda com a inteireza que o-caracterisa, dando de mão ás nossas relações de collegas e amigos: — pois assim o-desejâmos.

Havemos defender-nos, com modestia e sem violencia; — e havemos confessar nossos erros, se os-houver, com sinceridade e franqueza: — somos homens e tanto basta para não deixarmos de os-ter.

Tambem muito respeitâmos a moral pública, e a-temos na devida consideração; porque de ha muito estamos convencidos que a sua falta é a funesta e desgraçada origem da maioria dos males de todos os povos. — Se concorremos para o envenenamento da moral do povo, declarâmos que foi muito contra gosto nosso; e se o-fizemos, a falta esteve da parte do nosso intendimento, e não da nossa vontade; — e é por isso que pretendemos ser esclarecidos. — Confiando muito na illustração e bondade do Redactor da *Revista Universal*, esperamos que, com a brevidade possivel, faça vêr a luz pública a esta pequenina carta. — Estamos certos de que o Sr. *Castilho* se-prestará de muito bom grado em satisfazer, com promptidão, ao justo pedido do seu — Attento venerador sincero e obrigado amigo.

Logar da Piedade, ao Sul do Téjo, em 27 de Maio de 1842. *Francisco de Borja de Carvalho e Mello.*

---

505 Por nenhum caso déramos nós de mão á amisade que, ha tantos annos, nos-prende com o Sr. *Carvalho e Mello*; assenta em razões fortes de litteratura e em razões fortissimas de gratidão: ha-de durar sempre. Como entretanto entre amigos seja lícito o discrepar, usaremos como elle d'esse direito, e acceitando o seu convite apontaremos algumas partículas do immenso, em que se-funda a nossa e pública reprovação ás *Proezas de Richelieu.*

Por tres modos principalmente póde a comedia peccar contra a moral. 1.º Redusindo a problema os bons principios (é esta a peior balda de muitos dramas e romances modernos). 2.º Descobrindo aos olhos de todos muitas d'aquellas coisas, que supposto sejam naturaes, devem constantemente andar veladas, do que resulta entre outros males o anteciparem-se os conhecimentos aos desejos, e os desejos á edade; duas infames desgraças, qual a qual mais deploravel. 3.º Confeitando com todas as seducções da imaginação os incentivos lúbricos. — Ora de tudo isto se-encontra com abundancia na façanhosa comedia. A honra do sexo, de quem nascemos, de quem e com quem vivemos; e por quem nascem e se-criam nossos filhos, ahi é posta não só em problema mas em quasi absoluta negativa. — No aposento das *damas de honor* pernoita quem protestou abusar de todas as mulheres e o-sabe cumprir: — uma viuva recém-casada, e uma solteira, que pretende casar, vem, como fazenda de contrabando, procurar em sua casa a esse mesmo peralvilho; e consentem em se-deixarem encurrallar cada uma em seu quarto, resignadas ou antes dispostas ao que dér o trunfo. — A joven duqueza de Richelieu, que, segundo a escriptura matrimonial, as ordens severas de sua mãe, e a vontade de el-rei, não deve por falta de edade ajunctar-se ainda com o marido, atropella todas essas considerações, e por pouco se não consuma em scena o matrimonio. — Finalmente, duas unicas personagens apparecem por parte dos bons principios; a duqueza de Noailles, e o barão de Belle-Chasse; mas a duqueza de Noailles tola e ridicula, e o barão de Belle-Chasse ridiculo e tolo: toda a finura e amabilidade estão da parte dos seus antagonistas. Mais alguma coisa; — por elles está tambem a fortuna: o barão por não gostar que o-deshonrem na pessoa de sua mulher, leva uma estocada; a duqueza fica burlada nos seus dois maiores empenhos, que eram o guardar a filha, e o defender a honra das damas do paço; mas o duquesinho! esse, além de conseguir tudo isto, e muito mais, obtém em recompensa um commando militar, com cuja notícia conclue a péça, dizendo-se que lá vai elle continuar as suas façanhas.

Tudo isto é grave, porque ha na sociedade um número grandissimo de pessoas, que por seus poucos annos, por sua creação ou nulla ou viciosa, por suas propensões desordenadas, por suas theorias erroneas, ou pela força dos maus exemplos, preferem decididamente o ruinoso agradavel ao solido e severo, e a máscara envernisada e caduca do *bom tom* ao thesouro fecundo e permanente dos bons costumes. De dez mancebos spectadores apenas achareis um que não inveje cordealmente as fortunas do duquesinho; e que da sua tão bem succedida pratica não componha logo um systema, que não só irá accommodando ás occorrencias reaes; mas para o qual, quanto lhe-for possivel, procurará ir chamando e torcendo os successos da vida, assim dentro na casa paterna como em todas aquellas, onde por ainda não conhecido, se-lhe não fecharem as portas. Ao fundo porém immoral accrescem n'este spectaculo formas inteiramente dignas d'elle — Não ouvimos, não, as palavras grosseiras do poema do nosso segundo *Camões* ou do poeta *F. do Porto*; mas na falta das palavras lá estão as coisas; e os misterios mais recônditos da sensualidade lá apparecem descobertos; que o-digam tantas faces de donzellas, que os *lavaterianos* da platéa ahi teem visto todas as noites córar, e esconder-se por detraz dos leques: que o-digam os risos e applausos da parte mais corrupta e menos bem creada d'essa mesma platéa: que o-digam as castas mães de familias que no meio da representação se-teem visto indignadas desertar dos seus camarotes; que o-diga n'esses mesmos camarotes a affluencia sempre crescente de mulheres pelo menos equívocas; que o-diga a sisudez com que a grande maioria dos spectadores suffoca no fim do spectaculo algumas palmas impudentes que procuram rebentar. ¿ Citaremos provas mais directas? recordaremos dictos e acções dos actores e actrizes? A honestidade do papel o não consente.

O nosso collega e amigo, o Sr. *Carvalho e Mello*, licenceou as *Primeiras Proezas do Duque de Richelieu*: seguir-se-ha d'ahi que haja n'elle insufficiencia moral ou intellectual? — Não. Consta-nos que elle apontára no manuscripto muitos trechos para serem riscados ou mudados; os quaes outra censura depois, menos austera, deixára passar incólumes; e isto que nos-consta perfeitamente concorda com a opinião, que d'elle temos; pelo que não só o-acreditamos, mas o-annunciamos com prazer.

Quanto ao total do drama, parece-nos, que o illustre censor, namorado das bellezas theatraes do opúsculo (e todos sabem quanto o Sr. *Mello* é adorador e benemerito da arte scenica) ou não attendeu á consideração moral, ou por uma parcialidade artistica, facilmente explicavel, lhe-deu vénia: em todo o caso fica certo que o Sr. *Mello* não viu ainda em scena as *Proezas*; e que o seu mau estado de saude, e o retiro, em que por isso vive, teem sido os unicos motivos de não vir elle mesmo com o seu ponderosissimo voto corroborar o nosso, que é tambem o de toda a parte sã e intellectiva do público. Possa elle vir um dia contemplar este formoso monstro literario,

que ainda continúa a mostrar-se, posto que já quasi no deserto. Procure sentar-se d'onde descubra mocidade de ambos os sexos, e com os seus profundos conhecimentos de naturalista e moralista examine por si mesmo, o que muitos já teem examinado e assentado, os energicos effeitos das palavras e acções do joven prostituidor, de mais a mais representado por uma graciosa e interessante actriz. Pelo menos confessará que o seu collega *Tissot* não deixaria, se tal visse, de accrescentar o seu livro com um capitulo fulminante. O Sr. *Mello* tem, julgamos nós, a desgraçada fortuna de carecer de filhos e filhas; se-possuíra um ou outro d'esses agradaveis encargos não haveria mister das provas da representação; por instincto mesmo teria adivinhado todo o mal de tão arriscados passatempos.

Esperamos que o pouquissimo, que deixamos indicado, nos-desobrigue de uma analyse rigorosa, para que não temos tempo nem vontade. Tambem não receamos ser a ella constrangidos, porque da lealdade e bom intendimento do nosso correspondente sería em nós crime ou loucura o duvidar.

OS MUROS DE PENICHE.

Correspondencia.

506 Se VV. acharem, que estas regras, pela materia que tractam, merecem alguma attenção; e que podem apparecer publicadas no seu polidissimo Jornal; fará a Revista hoje constar em todo este Reino, e fóra d'elle, a emenda d'um erro que a historia tem propagado, e que não é de tão pouca monta.

Mais de cento e trinta annos, me-parece, tem já decorrido, depois que o Padre Carvalho fallando de Peniche, no cap. 16 do tom. 3.° da Chorographia Portugueza a pag. 145, disse — É cercada de muros com soberba fortaleza, obra d'El-Rei D. Fillippe o segundo. — Esta noticia, dentro e fóra de Peniche, em todo o Portugal, e talvez fóra delle, tem sido recebida como verdade incontestavel, que ninguem, que eu saiba, até'gora ousou contradizer¿ E quem deixaria de dar credito a um Auctor tão digno de fé, pelo duplicado titulo de luz do mundo e de historiador, que em certo modo tambem é, ou deve ser, luz do mundo? Todavia aquella noticia é um erro, que muito convem rectificar, para que desde já se-dirija para a verdade a fé que ha tantos annos tem attrahido, e em cuja posse tem estado: e para que mais esta vez se-conheça, que, não podendo a diuturnidade dos tempos mudar a essencia das coisas, nem o erro de longos annos póde vir a ser verdade, nem esta póde deixar de o-ser desde o primeiro ponto em que apparece. E ainda outra rasão de justiça vai na correcção de tal erro; e é, reivindicar para a memoria dos legitimos Monarchas deste Reino, que mandaram levantar a Praça de Peniche, o credito e gloria que d'ahi lhes-resulta; não sendo bem, que, tendo cessado ha tanto a usurpação de dominio, esteja ainda a memoria d'aquelle rei estranho usurpando na opinião dos Portuguezes, mal informados pela citada Chorographia, credito, honra, e gloria que lhe não pertence.

Mas antes que appareça a demonstração e prova do erro indicado, já que sou o primeiro, me parece, em o notar, tambem serei o primeiro em desculpar o Auctor da Chorographia Portugueza.

De todas as composições litterarias a da historia é sem duvida a mais ardua e difficil; e d'aqui vem, que, havendo em todos os outros generos escriptores exímios, em historia, bem raro, ou talvez nenhum tem levado até agora perfeitamente a palma. Basta lançar os olhos nos frontispicios dos tres tomos em que se-divide a citada Chorographia, e lêr n'elles algumas paginas, para se logo entender, que o Auctor que primeiro se-abalançou a uma obra de tal natureza, necessariamente teve de peragrar todas as provincias, cidades, e villas deste Reino, consultando, e examinando muito de espaço as memorias e documentos conducentes ao fim que se-propoz. E talvez que o Auctor se-sugeitasse a tão penoso trabalho quanto a outras terras; mas quanto á Praça de Peniche afoitamente se-póde affirmar, que não a-viu, e se-eximiu do incommodo da jornada, recorrendo á fé homana. Fez o que muitos têem feito; procurou e pediu informações e por ellas se-dirigiu. Intendeu, e intendeu bem, que os homens devem fallar verdade, principalmente em negocio tão serio; e sem reparar, que os homens — Quidam creduli, quidam negligentes sunt: quibusdam mendacium obrepit, quibusdam placet: illi non evitant, hi oppetunt — pelos mesmos meios que empregou, para obter noticias verdadeiras, achou um erro.

Se o Auctor da Chorographia tivesse entrado em Peniche, não teria deixado de ver a cidadella; a architectura que está sobre a sua entrada lhe-chamaria a attenção; e em uma lápida alli assentada lería uma Inscripção que diz — ARCEM HANC JUSSU SERENISSIMI REGIS JOANNIS III AB INVICTISSIMO COMITE LUDOVICO BIS INDIÆ PRO REGE INCHOACTAM ET CRASSANTE CASTELLAE TYRANIDE PER LUSTRA XII INTERMISSAM, SUB AUGUSTISSIMO JOANNE IIII REGNI ASSERTORE A COMTE HIERONIMO PRONEPOTE AMPLE ET MINACITER ABSOLUTAM LAPIS HIC POSTERITATI COMMENDAT. ANNO DOMINI MDCXLV.

Tal é o documento authentico e incontestavel, que descobre e prova o erro da Chorographia Portugueza; na existencia do qual parece incrivel, que houvesse quem se-atrevesse a attribuir a obra da Praça de Peniche a Fillipe 2.°

N'estes tempos em que a Lingua Latina está em tanto apreço, e se-estuda desveladamente, como é bem notorio, não é preciso traduzir a Inscripção, para que a maior parte dos leitores da Revista Universal fique sabendo, que no anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil e seis centos e quarenta e cinco, se-abriu aquella Inscripção lapidar, para pela sua leitura constar á posteridade, que a Praça de Peniche é obra mandada fazer por Ordem do Senhor Rei D. João 3.°; que o invictissimo D. Luiz d'Ataide, Conde d'Atouguia, e duas vezes Vice-Rei da India, lhe-fez dar principio debaixo da sua inspecção, direcção, e segundo o seu desenho, como é provavel; e que no reinado do Restaurador da Monarchia, o Sr. D. João 4.°, o outro Conde D. Jeronimo a-levou ao cabo, dando-lhe o aspecto ameaçador e invencivel que a Praça ostenta; e que entre o principio e conclusão da obra mediaram sessenta annos, que tantos pesou sobre Portugal a tirania de Castella, causa, pela qual ficou entretanto interrompida.

Não só para provar, que a Praça de Peniche não é obra de Fillippe o 2.°, nem do 1.° nem do 3.°, é valioso o referido documento; mas tambem, parece-me, que por elle se-póde provar ainda outro erro que muita gente tem por verdade: isto porêm será objecto para outra vez.

Sou com a maior consideração de VV. muito attento venerador e criado obrigado.

Peniche 3 de Maio de 1842.

J. N. da S. F.

NOTICIAS.

ESTRANGEIRAS.

507 Em INGLATERRA, segunda tentativa de regicidio. Recolhia-se a rainha de um passeio; vinha em carrinho descoberto: um dos spectadores lhe-desingatilha uma pistola: mas não dá fogo: é prêso: chamado a perguntas, a todas ellas permanece mudo: sabe-se que é inglez, e não allemão, como a princípio se-espalhara: chama-se *João Francisco;* tem de edade cerca de 20 annos; é plebeu e filho de um machinista. Ignora-se o que a tal o-determinasse: mas n'esse mesmo dia alguem lhe-ouvíra dizer que «era intoleravel morrer tanta gente de fome e de trabalho, para a rainha viver n'aquelle luxo.»

Em FRANÇA, alguns successos de monta se-passaram. A camara dos pares proseguia na discussão da lei dos caminhos de ferro: a camara dos deputados ía votando as verbas dos differentes ministerios. Por occasião de se-discutir o orçamento da marinha, a camara accrescentou á quantia pedida pelo ministerio outra avultada; com a condição de ter o governo sempre armadas, completamente, dez náus de linha e dez fragatas. Quando se-tractou do orçamento da guerra viu-se o ministerio obrigado a declarar que nunca armaria as fortificações de *París* sem beneplácito das camaras.

Na HESPANHA, a crise ministerial ainda aturava; sem embargo de já tres ministros se-acharem nomeados, *Rodil*, *Almodovar*, e *Landero*. Tinham-se publicado duas circulares do governo, uma aos presidentes das relações, e outra aos governadores civís: com o fim de obviar, ou suffocar e punir qualquer *pronunciamento* que a favor da constituição do anno 12 se-levantasse. Ao mesmo tempo porém publicava o *centro directivo superior republicano*, outra circular dispondo o quando, o como e os modos de taes *pronunciamentos* se-pôrem por obra.

PORTUGAL.

ACTOS OFFICIAES.

508 *Diario do Governo de 9 de Junho.* — Aviso dizendo-se que em uma das ilhas Berlengas se-ía estabelecer um farol denominado *Duque de Bragança.* — Decreto ordenando que as cadêas onde existem presos já condemnados sejam consideradas como presidios. — Outro suprimindo os circulos de *Caminha* e *Paredes* por falta de jurados. — Portaria ordenando que os recebedores dos districtos e administradores tenham e façam entre si conferencias. — Mappa demonstrativo dos tributos directos no mez de maio. Relação de devedores á fazenda. — Venda de bens nacionaes.

De 10 *dito.* — Ordem do exercito n.º 28. — Venda de bens nacionaes.

De 11 *dito.* — Relação dos degradados que foram para Moçambique, Cabo Verde, e India.

De 13 *dito.* — Aviso de ordens de pagamentos ás 2.ª 3.ª 4.ª 5.ª 7.ª e 8.ª divisões militares. — Estatistica e expediente do tribunal do thesouro publico.

De 14 *dito.* — Accordam do supremo tribunal de justiça.

FATAES CIUMES.

509 Em uma povoação não longe da capital vivia, segundo nos-referem, um ecclesiastico egresso de não sabemos que ordem religiosa. Solto dos votos e partidario da abolição do celibato clerical, tomára secretamente quem lhe-suavisasse as amarguras da existencia. A sua companheira, que residia em casa apartada, começou a sentir-se n'aquellas circumstancias a que os allemães chamam de bençam: o que para uns é esperança, é para outros temor: a descendencia, o melhor presente da Providencia, converte-se para os não casados em uma calamidade; é porque a naturesa social tem como a naturesa absoluta suas leis fixas, e acompanhadas de inevitavel sancção. Descoroçoado o pai contra vontade, intendeu dever substituir, ao menos durante o impedimento, um segundo emprego do coração áquelle primeiro: para este fim veio á grande cidade, onde ha de tudo, e aqui facilmente encontrou o de que havia mistér. A abandonada em tão critico apuro, devorada d'aquelle mixto corrosivo de amor e inveja, a que chamam ciume, pôde obter veneno; e n'um momento de criminoso delirio levando-o aos labios, que dentro em poucos mezes tinham de beijar o objecto mimoso, que já todas as noites acariciava em sonhos, esgotou de um só trago a morte de ambos. O fructo que do ventre se-lhe-arrancou, era uma menina!

INCENDIOS.

510 Terça feira, 10 e tres quartos da noite. Todas as torres dão o rebate de fogo: bombas, carros de escadas, e mais instrumentos atrôam as ruas. Milhares de gallegos vozeando amotinam os largos dos chafarizes; correm desordenadamente os archótes, os piquetes, e a curiosidade para S. Roque, onde as trinta badaladas, de continuore petidas, denunciam ser a desgraça. Chega-se: o fogo que por mais de meia hora esteve alvorotando a cidade não saíu da casa de um confeiteiro na esquina da travessa do Poço. Que dizemos! não saíu de um tacho de assucar que se-estava refinando e a unica Troia ou Hamburgo abrasada foi uma grande colher de páu.

Outro egual successo pouco mais ou menos acontecêra hontem de tarde no Poço Novo e outros varios nos dias precedentes! Exemplos taes repetem-se em Lisboa com demasiada frequencia. Não conviria pôr um termo ao que n'estes forçados incommodos póde haver de demasiado e superfluo? Quantas vezes depois de apagado o fogo as bombas dos sitios remotos não continúam ainda a correr para lhe-acudir. Já não succederia assim, se a torre, que primeira chamou pelo soccorro, designando pelo seu toque o sitio visinho accommettido pelas chammas; vencidas ellas substituisse ao primeiro toque lúgubre um repique ou outro qualquer signal convencionado e sabido que de campanario em campanario se prolongasse até ás extremas da povoação? Respeitosamente offerecemos a lembrança, a quem tenha auctoridade para a converter em obra.

TOUROS.

511 Os de Domingo ultimo, no Campo de Santa Anna mereceram grandes louvores dos seus afreguezados. Fizeram toda a qualidade de trepolia; se tives-

se havido um ou dois homens mortos de véras, nada faltaria para ser uma tarde incomparavel.

SACRILEGIO DA IGREJA DE SANTA ANNA DA CARNOTA.

512 Um correspondente nos-remette mais algumas particularidades tocantes ao sacrilegio já apontado em o nosso artigo 454. O valor das alfaias roubadas anda por 100$ réis. As Sagradas Formulas ficaram no Sacrario derramadas: a porta da egreja fôra arrombada por fóra: as auctoridades intendem com grande diligencia em descobrir e colher ás mãos os criminosos. Na cadêa de Alemquer entraram já dois suspeitos, *Antonio Maria da Costa* no dia 7 do corrente ás 8 horas da manhã; e *Manuel da Costa*, seu irmão, ao meio dia: ambos são ferreiros; ambos casados: o primeiro assistente juncto á egreja roubada: o segundo em Alemquer, onde tem sua mulher e sete filhos. As diligencias da justiça vão por diante.

HORROROSO FILICIDIO.

513 Na manhã de 27 de Abril pretérito, na villa de Reguengos, encontrou-se em uma estrumeira o cadaver de um recemnascido. De dous supplicios sevalêra para destruir tão fragil existencia a barbara assassina, que se-diz ser a propria mãe, *Iria Bica*. O pescoço da victimasinha estava ainda apertado com uma ligadura em duas voltas; a cabeça esmagada e achatada!

SANTO ANTONIO.

514 Os festejos do grande Padroeiro vão fazendo admiraveis progressos em Portugal. Os do dia 13 e sua véspera foram explendidos; sem fallar no que houve das portas das egrejas a dentro, distinguiram-se por concorrencia, música e ornamentos os arraiaes d'Almada, Boa-hora em Belem, S. Sebastião da Pedreira, Santa Joanna, S. Luiz Rei de França, S. Nicoláo, e Encarnação. Os seguintes Domingos continuarão eguaes divertimentos sacro-populares em outros pontos da cidade. O anno presente não se-dará n'esta parte vantagens ao pretérito.

UMA ENFORCADA.

515 Na villa da *Moita do Riba Téjo* houvera entre duas mulheres uma altercação (qualquer motivo podia ser bastante). Das palavras, passaram ás injurias, (o que em taes parlamentos não é contra o regimento) e das injurias ás bofetadas. Pendencias de mulheres, (são como as dos gallos em Inglaterra) todos riem e ninguem as-aparta. Durou esta quanto quiz ou pôde: separaram-se a final as duas amazonas, cançadas, mas não fartas de murros, e improperios. Uma d'ellas, mulher de um d'esses, chamados homens da malta, ou malteses, e mãe de muitos filhos, tivera, segundo parece, no conflicto a melhoría, saindo com a desgrenhada cabeça coroada de sujo loiro: alguns zombeteiros de má morte lhe-agoiraram porém o triumpho com dizer-lhe — que teria que vêr com a justiça, e que de ferros a dentro comeria pés e mãos antes de se-livrar. — Persuadida e atterrada a infeliz, corre a casa, enxota os filhinhos para a rua; fecha-se por dentro; sóbe a um meio alqueire, arma em uma viga do tecto um laço corredío; embebe n'elle o pescoço; e enforca-se.

Quando se-tornou a abrir a casa pendia já defuncta. ¡Como Rousseau tinha razão, quando defendia que em nenhum caso e por nenhum respeito, se-podia haver a mentira por innocente!

HORRIVEL INCENDIO.

516 Por cartas fidedignas que temos á vista nos é communicado um desastroso acontecimento: no dia 19 de maio pelas 11 horas da manhã se-ateou um violentissimo fogo no logar de Viveiro de Covas, concelho de Boticas, do districto administrativo de Villa Real: quantos meios se-empregaram para o atalhar foram inuteis, dentro em tres horas toda a povoação ficou redusida a cinzas, 44 a 50 moradores foram victimas dos estragos que em suas fazendas e haveres causou o incendio: algum gado vacum se-queimou, appareceram alguns dinheiros reduzidos a barra pelo fogo. Tal acontecimento ha-de necessariamente chamar a attenção do governo para soccorrer os desgraçados habitantes d'esta povoação, e não menos a philantropia dos bons portuguezes, *(Restauração)*.

NOTÍCIAS AGRONOMICAS DO MEZ DE MAIO.

Lesiras do Riba-Téjo.

517 As searas de trigo temporão geralmente estão boas; nos arneiros soffreram com os nevoeiros do mez, não gradando o trigo em partes: as serodias tendo offerecido a melhor apparencia enfraqueceram por causa da secca, e dos ventos rijos de Maio, principalmente as dos terrenos fortes; e as dos terrenos delgados estão mais ou menos prósperas, segando as épocas em que foram semeadas. As sevadas temporãs geralmente estão boas, e as serodias deseguaes: os centeios ainda que offerecem bom aspecto, comtudo padeceram pelas mesmas causas. As sementeiras de batatas offerecem uma colheita mediocre, e as vinhas apresentam uma apparencia assaz irregular. Os pomares de espinho teem boa mostra, e os de caroço e pevide mostram pouco fructo; os olivaes indicam pouca producção, assim como os montados de sôbro. Os meloaes estão bem nascidos. Deve notar-se que os prejuizos que ameaçavam aos lavradores por causa da secca, minoraram com as grandes chuvas de trovoada que caíram n'aquelle districto.

De *Mafras* e nos participa que só nos fins de Maio se-íam restabelecendo os arvoredos dos effeitos das intemperies do mez, cujos ventos muito os-fustigaram. As searas de trigo e cevada mostram boa apparencia, e dão esperanças de uma colheita regular. Os milhos offerecem egualmente um bom aspecto, porém muito necessitam de algumas brandas chuvas. — Os legumes em geral deram sufficiente producção, e os meloaes nasceram bem nos sitios apropriados, mas não assim nos mais expostos aos ventos. As vinhas annunciam mediana novidade, mas em geral tem sido desprezado o seu amanho, pela falta de meios dos proprietarios, e pelo baixo preço que offerece aquelle genero, hoje tão depreciado, e cuja cultura se tem tão imprudentemente generalisado em todo o reino.

Algarve; o nosso correspondente de *Moncarapaxo* nos-annuncía, que as searas continuam a prosperar, não obstante os intensos calores que soffreram nos primeiros dias de Junho, e as seccuras do mez antecedente. Já se-começaram a ceifar no fim de Maio, e todas promettem abundante colheita. Os grãos de bico produziram optimamente; o que não aconteceu aos xi-

xaros que quasi todos estão fallidos: os milhos teem medrado pouco, e os de sequeiro se-apresentam enfezados, porque os de regadio estão pela maior parte viçosos, e teriam bom complemento se as aguas das noras não fôssem já faltando. As vinhas estão abundantemente providas de cachos, mas pouco guarnecidas de parras, e com os lançamentos curtos, e por isso se-teme que em apertando os calores as uvas levem notavel damno. As figueiras que tão grandes lucros dão á Provincia, teem os lançamentos mui acanhados, as folhas miudas e amarelladas; o figo lampo tem caído de pêcco em notavel porção. Alfarrobeiras continuam em máo estado, caíndo-lhes e seccando a maior parte da folha. Nas oliveiras ainda se não tem despegado a flor (candeia), a qual está em pasta abafando o fructo, e entrelaçada de algodão. Nas amendoeiras não se-notam differenças a respeito do mez passado, mas resta vêr se os fructos apparecem fallidos quando se-colherem, o que se-receia pela falta de humidade no terreno. Os fructos de caroço são poucos por terem caído a maior parte pêccos, exceptuando as ameixoeiras reinoes de que se-espera melhor colheita. Os pomares de espinho não teem tido alteração, e promettem abundante fructificação.

As aguas baixam consideravelmente nos poços: os ribeiros estão quasi todos sêccos, e os moinhos pela maior parte parados: alguns anneis d'agua em um ou outro ribeiro ainda offerecem agua para os gados. A falta de chuvas tem tornado difficultosa n'este anno a plantação de figueiras, pois que a terra na profundidade de dois palmos está durissima para conservar a vitalidade da vara plantada, e promover o desinvolvimento das raizes, pelo que necessitam diariamente a rega artificial.

SUPPLEMENTO AOS FENOMENOS NOTAVEIS DO MEZ DE ABRIL.

Desde 18 até 25 de Abril sentiram-se na *Grecia* grandes e continuados tremores de terra, abatendo algumas casas e egrejas, que sepultaram em suas ruinas varias pessoas.

Na tarde de 30 do mesmo mez desfechou uma horrivel trovoada sobre *Vitteaux* (no departamento da Costa de ouro, em *França.)* Torrentes de chuva e saraiva, arrebataram e destruiram tudo o que encontraram na sua marcha, arrancando as arvores, revolvendo os campos, abatendo os edificios, e levando diante de si os animaes, utensilios de lavoura, e até os penedos. Os prejuizos foram enormes, e muitos annos serão necessarios para se-repararem. É esta a terceira vez que aquella povoação tem aguentado similhante calamidade no intervalo de meio seculo.

Necrologia da cidade de *Lisboa* no mez de Maio. — Receberam-se nos dois cemiterios de S. João e Prazores 452 cadaveres, sendo maiores 232, e menores 160, dos quaes pertenceram ao sexo masculino 236, e ao feminino 216: e como o número médio normal, que pertence a cada mez é de 512 (veja-se a Revista n.º 32), segue-se que a mortalidade em Maio foi inferior de um oitavo, á que regularmente se-experimenta n'esta capital. *M. M. Franzini.*

PUBLICAÇÃO.

518 Publicou-se o 1.º volume do romance — *O Espectro do Castello d'Estulens*, traducção do francez, pelo Sr. *L. J. de Sampaio*. Não lhe-louvamos, se-servisse da traducção franceza, em vez do original inglez; que d'essa arte andára por certo mais seguro; entretanto, cumpre-nos dizer, que o portuguez da sua obra é, senão puritano, livre de gallicismos torpes; em fim uma traducção capaz de apparecer, sem vergonha do mundo. Quanto ao mérito do romance, reservamo-nos para fallar d'elle, quando se ultimar a sua publicação, advertindo por agora, que, no 1.º volume não achámos coisa, que por indecente mereça riscar-se.

---

519 DIARIO METEOROLOGICO DESDE 8 ATÉ 14 JUNHO 1842.

Dias do mez	Thermometro exterior		Barometro		Pluvimetro.	Ventos dominantes e sua força.	Estado da Athmosphera.
	Min.º	Max.º	9 h. m.	3 h. t.			
8	59	77	760,4	759,5		B SO	Cob.º e pequeno nevoeiro — Claro e nuvens, — Claro: tarde muito fresca.
9	64	79	759,1	758,8		¹SO²	Id. e tenue chuvisco — Coberto e claros — Id.
10	64	77	759,4	760,0		SO¹	Id. — Claro e grossas nuvens — Claro — Id.
11	56	80	761,6	761,0		NO	Claro e alguma nuvem — Claro — Id.
12	58	91	762,8	762,6		B NO	Claro — Coberto; e algum claro, e horisonte muito fusco — Calor intenso, noite muito quente.
13	71	90	762,8	762,0		B N	Claro — Calor intenso e ar muito secco — Noite fresca.
14	61	80	762,0	762,0		N¹	Claro, e ar muito secco — Madrugada e noite fresca.

Permaneceu a influencia da 2.ª quadra do mez até 10, mantendo-se n'estes 8 dias a temperatura fresca com o ar um pouco humido, athmosphera coberta nas manhãs, e clara no resto do dia, alternando com nuvens grossas das que indicam trovoadas, conservando-se o horisonte encinzeirado, e em bonanças ou ventos variaveis e fracos de manhã; e de tarde soprando a fresca viração mareira. — Consta-nos que no termo de Elvas, houve trovoadas acompanhadas de chuvas abundantes, nos dias 4 e 5, devidas á influencia d'esta quadra, a qual se-modificou a 11, apparecendo os ventos do N. ou NO. acompanhados de intensos calores; e assim permaneceu. *M. M. Franzini.*

CÃES.

520 Merece louvor a Camara Municipal de Lisboa, que tomou emfim providencias acertadas e efficazes para expurgar a cidade da praga já intoleravel de cães vadíos. Todos os dias passam para o cemiterio dos animaes carradas d'estes mortos, e todavia não se-dá ao povo o immoral e desagradavel spectaculo de presenciar pelas praças e ruas essas execuções, ou ás pásadas, como no tempo do Intendente *Delagarde*, ou com bolos de veneno, como ainda ha pouco. Todo o que entrega um cão na abegoaria para ser morto, ou no cemiterio para ser enterrado, recebe um premio.

Na Imprensa Nacional.